

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**VIRGINIA PUJOL ALBINI**

**GÊNERO PROFECIA NA BÍBLIA: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-  
TEXTUAL DO LIVRO APOCALIPSE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA**

**2015**

**VIRGINIA PUJOL ALBINI**

**GÊNERO PROFECIA NA BÍBLIA: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-  
TEXTUAL DO LIVRO APOCALIPSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Inglês, do Depto. de Linguagem e Comunicação, e de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Pereira da Silva

**CURITIBA**

**2015**



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Curitiba

Nome da Diretoria / Coordenação / Departamento  
Preencher com o Nome do Curso



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**(A SER FORNECIDA PELA SECRETARIA DO CURSO)**

**GÊNERO PROFECIA NA BÍBLIA: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-TEXTUAL DO  
LIVRO APOCALIPSE**

por

**VIRGINIA PUJOL ALBINI**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 11 de fevereiro de 2015 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português e Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Luciana Pereira da Silva  
Profa. Orientadora

---

Andréa Rutiquewiski Gomes  
Membro titular

---

Nívea Rohling  
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Dedico este trabalho a Deus, que me deu  
a vida e me ensinou a viver; “porque o  
Senhor é Deus de justiça; bem-  
aventurados todos os que nele esperam.”  
Isaías 30:18

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço à minha mãe, que foi parte responsável por todo meu empenho na realização desta obra; e ao meu noivo, por estar sempre presente comunicando ânimo para terminá-la.

Agradeço à minha orientadora, profa. Dra. Luciana Pereira da Silva, pela sabedoria e disposição com que me guiou nesta trajetória; ao professor responsável pela disciplina de TCC, prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci, pelo companheirismo e dedicação; e às professoras da banca que contribuíram para o crescimento deste trabalho, profa. Dra. Andréa Gomes e profa. Dra. Nívea Rohling.

Aos queridos especialistas da Bíblia, pastor César e pastor Márcio, por me incentivarem e colaborarem no progresso deste trabalho.

À minha família, pelo apoio.

E gostaria de deixar registrado o meu especial reconhecimento a Deus, pois acredito que sem Ele não seria possível vencer esse desafio.

E me fascina também o senso de aporia  
que emerge da história do tratamento  
filosófico e científico das realidades  
humanas, não apenas das questões  
linguísticas. Parece haver aí um  
inesgotável, um irreduzível...  
(FARACO, Carlos Alberto, 2003)

## RESUMO

ALBINI, Virginia Pujol. **Gênero profecia na Bíblia: um estudo linguístico-textual do livro Apocalipse**. 2015. 44 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso [Curso Licenciatura em Letras Português/Inglês] - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma análise do capítulo 22 do livro *Apocalipse*, contido na Bíblia, com base na teoria de gêneros textuais de Bakhtin (1997) e da tipologia textual, de Koch e Fávero (1987). O objetivo do projeto foi investigar os parâmetros linguísticos do texto abarcado, que traz em sua configuração características próprias do gênero *profecia bíblica*, e do tipo textual preditivo, que forma tal gênero. Verificaram-se os parâmetros linguísticos propostos por Koch e Fávero (1987), com relação ao léxico, tempo verbal, construção sintática e no aspecto pragmático do texto apresentado, relacionando-os com o gênero proposto. Considerando o vasto e aberto campo da Linguística e reconhecendo que muito trabalho ainda há para incorporar a esse campo, por meio deste trabalho pretende-se impulsionar novos estudos em temas textuais retirados de estudos com gêneros bíblicos.

**Palavras-Chave:** Gêneros textuais. Tipo textual preditivo. Profecia. Apocalipse.

## ABSTRACT

ALBINI, Virginia Pujol. **Prophecy Genre in the Bible: a textual-linguistic study of Revelation book**. 2015. 44 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso [Licenciatura em Letras Português e Inglês] - Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2015.

This course completion assignment will examine chapter 22 of the book of *Revelation*, contained in the Bible, based on the theory of Bakhtin (1997) genres and text typology, by Koch and Favero (1987). The goal of the project was investigating the linguistic parameters of the text, that brings in its own setting characteristics of the genre of biblical prophecy and predictive text type that delineates. The linguistics parameters, like lexico, verb tense, sintatic construction and pragmatic aspect, of Koch and Favero (1987), were verified, according to their postulations. Through this work, others will also delve further into textual questions taken from studies based on the Bible, and still others that may contain this particular prophecy genre.

**Keywords:** Text genres. Textual type predictive. Prophecy. Revelation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>6</b>
1.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	6
1.2 CONCEITOS BÁSICOS.....	7
1.2.1 GÊNEROS TEXTUAIS .....	7
1.2.2 TIPOS TEXTUAIS.....	12
1.2.3 TIPO PREDITIVO .....	13
1.2.3.1 Gêneros de base preditiva .....	15
1.2.3.1.1 <i>Gênero profecia bíblica</i> .....	18
<b>2 ANÁLISE DE UM TEXTO DO GÊNERO PROFECIA BÍBLICA</b> .....	<b>21</b>
2.1 DIMENSÃO PRAGMÁTICA .....	22
2.2 DIMENSÃO ESQUEMÁTICA GLOBAL.....	24
2.3 DIMENSÃO LINGUÍSTICA DE SUPERFÍCIE .....	26
2.4 À GUIA DE CONCLUSÃO.....	30
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se baseou em parte da teoria de gêneros textuais<sup>1</sup> que, segundo Luís Antônio Marcuschi, “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Os gêneros comportam os tipos textuais, um texto de um determinado gênero pode ser construído com mais de um tipo textual ao mesmo tempo, ou seja, um texto é composto por esses tipos que, por sua vez, também seguem uma categoria, que os delimita segundo normas linguísticas de uso; eles são definidos pela “natureza linguística de sua composição” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). O conceito de tipologia textual, bem como o de gêneros, será descrita mais adiante.

Assim, este estudo focalizou o estudo das características singulares do conjunto de textos proféticos a partir do texto selecionado, capítulo 22 do livro *Apocalipse*, considerando também o tipo específico que o acompanha, no caso, o preditivo. O conceito de tipo textual preditivo, identificado pelas teóricas Koch e Fávero (1987), é o que permeará toda a base de construção deste trabalho, justamente por ser esse fundamentado em previsões.

A teoria dos gêneros na abordagem bakhtiniana, portanto, foi aplicada ao levantamento desses dados característicos que, por sua vez, contribuirão para a expansão dos estudos desse gênero específico.

As chamadas profecias bíblicas são textos aceitos pelos cristãos como palavras vindas da parte de Deus para anunciar, do ponto de vista bíblico, algo à população humana sob os mais diferentes objetivos: alertar, avisar, abençoar ou admoestar. Elas formam um conjunto de textos que está presente ao longo de toda Bíblia, reconhecidos teologicamente como parte dos seguintes livros: *Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*, no Antigo Testamento; e o livro *Apocalipse*, no Novo Testamento. A classificação aqui seguida é uma convenção teológico-cristã, mas não será necessariamente o padrão adotado para todo trabalho, apenas uma caracterização inicial a fim de colaborar para um

---

<sup>1</sup> Para efeitos deste trabalho, não se fará a distinção terminológica entre os termos *gêneros textuais* e *gêneros do discurso*.

<sup>2</sup> Do grego, *profetes*, que quer dizer alguém que fala da parte de Deus, a voz de Deus. Não

maior esclarecimento. Veremos que pode haver textos de cunho profético espalhados também nos outros livros da Bíblia.

As profecias eram discursos realizados oralmente, às vezes imediatamente após o mandado divino, como se acredita, outras vezes com um período de tempo maior até sua apresentação e deixadas assim por escrito; ou eram relatos apenas escritos, como em alguns capítulos do livro de *Daniel* e todo o livro final da Bíblia, o *Apocalipse*. Acredita-se que elas foram anunciadas pelos profetas com previsão de cumprimento imediato ou futuro.

Os anunciadores das profecias, ditos profetas<sup>2</sup>, eram considerados pelos seguidores de suas épocas como mediadores entre Deus e o povo. Eles podiam ser pessoas comuns, como Abraão, Jonas e a profetisa Ana, que viviam normalmente segundo os costumes da época; mas podiam ser pessoas mais engajadas socialmente, ocupando cargos públicos, como no caso de Moisés, Samuel e Daniel; ou, ainda, viverem de forma mais reclusa, como Elias, Eliseu e João Batista. De alguma forma, segundo os escritos bíblicos, essas pessoas se dedicavam à causa divina, servindo de interlocutores da voz de Deus, como acreditavam seus contemporâneos, por isso que não necessariamente os profetas faziam sempre alusões ao futuro, mas como porta-vozes falavam entre Deus e o povo, e essa era sua função principal.

O texto analisado com relação aos aspectos linguístico-textuais e discursivo neste trabalho é o último capítulo da Bíblia, capítulo 22 de *Apocalipse*. *Apocalipse* é um livro essencialmente profético, ou seja, todo seu conteúdo abarca textos proféticos. João, o escritor do livro e um dos apóstolos de Jesus, testifica, de acordo com o relato bíblico, o que foi dito da parte de um anjo para ser recebido por todos aqueles que viessem a ler suas páginas (Ap 1:1-3). Esse capítulo é uma continuação da visão do profeta, recebida a partir do capítulo 21,<sup>3</sup> acerca de um novo céu e uma nova terra; ali, o autor descreve uma cidade, identificada como *Nova Jerusalém*, em seus aspectos físicos, sociais, morais e políticos. Ele termina o livro certificando seus interlocutores do cumprimento das profecias escritas,

---

<sup>2</sup> Do grego, *profetes*, que quer dizer alguém que fala da parte de Deus, a voz de Deus. Não significando, necessariamente, alguém que fala sobre o que ocorrerá no futuro.

<sup>3</sup> “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram...” (Apocalipse, capítulo 21, versículo 1).

apresentando também algumas admoestações e promessas finais e, assim, partindo para a conclusão do livro com uma despedida e benção final.

A Bíblia, considerada pelos cristãos e em parte pelos judeus como as Escrituras Sagradas da parte de Deus, é a obra mais lida de todos os tempos. Foi escrita originalmente em hebraico e aramaico, no Antigo Testamento; e em grego, no Novo Testamento<sup>4</sup> (GEISLER, 1986). Sempre vendida mundialmente em larga escala e ainda no século XXI, ultrapassando assim as eras e os mais diferentes contextos, sua análise sob os mais diferentes aspectos torna-se útil para também os mais diferentes fins.

Acredita-se que a Bíblia tenha sido escrita num período de aproximadamente 1.500 anos, tendo seu conteúdo concluído há 2.000 anos (PAROSCHI, 1999). Ao longo desse tempo, cerca de quarenta autores diferentes advindos de classes sociais bem diversas escreveram suas páginas<sup>5</sup> (GEISLER, 1998), pessoas comuns, agricultores, servos, iletrados, reis, sacerdotes, profissionais diversos, intelectuais, eremitas; páginas essas que, sob concílios, foram aceitas pelo cânon judaico e pela Igreja Apostólica.

Levando em consideração o grande alcance da Bíblia e tendo seus textos como objetos de estudo dos mais variados grupos sociais, não somente de cristãos e judeus, mas também de não seguidores, este estudo colaborará com o melhor entendimento de seu conjunto de textos, possibilitando também novas análises e estudos posteriores.

Além disso, a Bíblia sustenta vários trabalhos de pesquisa no campo literário, este trabalho de conclusão de curso constitui uma nova vertente de estudo, nesse caso para o campo linguístico, o que vem a ser um lançamento para a área de estudos da linguagem, possibilitando novos textos de circulação social e assim fonte para objetos de pesquisa da mesma.

---

<sup>4</sup> “The OT is written mostly in Hebrew; the NT wholly in Greek. The parts of the OT not in Hebrew are Ezra 4:8–6:18; 7:12–26; Jer. 10:11; and Dan. 2:4–7:28. These sections are written in Aramaic, a related Semitic dialect that, after the exilic period, gradually took the place of Hebrew as the common language of the Jews.”

<sup>5</sup> “Written by perhaps forty different authors of different backgrounds, educational levels, and occupations.”

Também o fato de haver poucos estudos de textos do tipo preditivo corrobora a realização da pesquisa aqui apresentada, que se mostra necessária devido sua escassez na área da Linguística.

O objetivo principal deste trabalho foi caracterizar o gênero textual *profecia*, inserido no livro *Apocalipse*, por meio dos elementos linguístico-textuais, carregados de teor preditivo. Para isso foram observadas as características do gênero textual *profecia*; foram analisados os elementos textuais dentro do texto selecionado e caracterizou-se o livro *Apocalipse* a partir do tipo textual preditivo.

Por meio deste trabalho pretende-se contribuir para o conhecimento de mais um viés de análise desse objeto bastante explorado. Parte-se, para isso, do princípio de que a teoria dos gêneros textuais é um estudo em processo, não havendo uma determinação acerca do assunto; nem podendo, uma vez que os gêneros, como veremos, são produtos do meio social, e o meio social, um projeto sem limites e restrições, completamente mutável e heterogêneo. O aparecimento e desaparecimento dos gêneros pode ser considerado na mesma proporção. Assim, o trabalho presente poderá contribuir na sociedade ocidental com um conhecimento mais largo na área dos estudos de gêneros textuais, lançando mais um objeto de estudo para Linguística, que com isso, pode evoluir em sua distinção como ciência, para evolução da própria sociedade.

O trabalho se dividiu em duas partes. Na primeira apresentaremos a teoria que fundamentou o trabalho, para maior entendimento dos elementos analisados posteriormente do texto base, de *Apocalipse*, capítulo 22.

Na parte subsequente, tomando o estudo de gêneros apresentado anteriormente, desenvolveu-se a aplicabilidade da teoria com o texto apresentado, discutindo a questão da relação entre o produto, o texto escolhido e a sociedade, que é o meio de onde aquele é constituído. Dessa forma, pôde-se clarificar o fato de que o capítulo 22 de *Apocalipse* na Bíblia tem um contexto de produção e significado próprios, de acordo com o que se acredita do ponto de vista histórico-religioso. Leva-se em consideração, também nessa parte, a relação do sujeito com o objeto, uma vez que não há sentido de existência do texto e nem no texto propriamente sem a presença de um interlocutor. Aqui também teve lugar a análise linguístico-textual em si. No próprio texto foram explorados todos os elementos que se constituem como características do gênero proposto, o profético. Para isso, veremos como o tipo

textual preditivo aparece ao longo do texto e como os elementos da linguagem se ligam entre si, formando o que agora pode ser colocado dentro desse conjunto, que é o gênero *profecia* da Bíblia.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 REVISÃO DE LITERATURA

Considerando os mais diversos objetos, há um elemento comum que permeia todos os estudos científicos e acadêmicos realizados sobre a Bíblia: o gênero, tanto de gêneros textuais como literários, tendo esses uma maior recorrência de análise do que aqueles. Assim, mais uma razão para investigação de gêneros textuais na Bíblia. Acatando-a como uma verdadeira biblioteca, os autores dos trabalhos que seguem consideram a Bíblia constituída não só de muitos livros como também de muitos gêneros dentro de seus livros.

No artigo “A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem”, Gonçalves (2010) explica o fenômeno da parafraseagem ao analisar o uso das parábolas no novo testamento, estilo discursivo tão usado por Jesus Cristo a fim de alcançar os mais diversos interlocutores de acordo com seu próprio conhecimento prévio.

Para isso, o autor situa seu leitor no campo de análise, explicando primeiramente o sentido da palavra “parábola” no seu original. Passando, posteriormente, à aplicação de seu uso com as funções observadas por ele, da captação e parafraseagem. Assim, Gonçalves demonstra o uso das mensagens figuradas como antigo costume dos profetas do velho testamento, e sua conveniente adequação por Cristo e personalização delas que ele fez em seu tempo, seguindo o costume que permaneceu entre os mestres e rabis do povo judaico.

Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela, em “A intertextualidade no texto bíblico” (2007), buscou comprovar como o entendimento da leitura bíblica incide sobre a necessidade constante de relacionar um texto com outros. Como propõe Koch (2007, *apud* BOLLELA, p.134), todo texto dialoga com outro texto existente. Nesse caso, o conceito da intertextualidade é muito produtivo e mesmo indispensável no caso da leitura das profecias, pois muitas delas aludem a elementos anteriores, verificados em outros relatos escritos. Para quem busca a interpretação delas, a intertextualidade é parte componente do processo.

“Pregação Religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros” é um estudo realizado por Maria Flávia Figueiredo, Alessandra C. Claro, Deise Nancy de

Morais e João Diogo Urias Dos Santos Filho (2009). Nessa pesquisa, os autores caracterizam a pregação religiosa como gênero do discurso. Para isso, tomam por base o estudo de gêneros postulado por Bakhtin, seguido posteriormente por outros, como Bronckart e Maingueneau. Eles consideram parâmetros básicos de análise que possibilite essa caracterização, como: lugar de fala, objetivo discursivo, interlocutores, e outros, partindo assim para análise do material de análise.

Todos os autores, de alguma maneira, tratam, direta ou indiretamente, dos gêneros textuais presentes na Bíblia. Os trabalhos acima mencionados mostram a grande área a ser explorada com o estudo de gêneros, por meio, também, de textos bíblicos; tornando-se um vasto campo para o estudo da Linguística.

## 1.2 CONCEITOS BÁSICOS

Nesta seção serão revisados alguns conceitos básicos para leitura e compreensão do trabalho e análise do objeto, são eles: conceitos de gêneros textuais, de Bakhtin (1997); tipos de texto, segundo Marcuschi (2008); tipo textual preditivo, de Koch e Fávero (1987); introdução aos conceitos bíblicos, com as elucidações de Geisler e Nix (1974), Geisler e Nix (1986) e Paroschi (1999); e o gênero profecia na Bíblia, de acordo com Geisler (1998) e a Associação Ministerial Adventista (2008).

### 1.2.1 GÊNEROS TEXTUAIS

Esta pesquisa orienta-se pelo conceito de gêneros do discurso, de Bakhtin (1997), e em complementariedade pelo embasamento teórico de Faraco (2009), que trabalha atualmente em concordância com a teoria do primeiro.

Em sua explanação acerca do “Problema dos gêneros do discurso”, uma das seções da obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin inicia dizendo que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Não é de admirar, portanto, que haja tantos gêneros como existem esferas de atividades em nosso contexto social.

Os gêneros, para Bakhtin, são enunciados tipificados ideologicamente, por

meio dos quais nos comunicamos e nos compreendemos, quer isso seja conhecido de forma consciente pelo falante usuário da língua, ou não.

Faraco (2009) discute o texto de Bakhtin expondo seus aspectos principais e comprovando seu enriquecimento teórico para os estudos linguísticos da era contemporânea. O estudioso explica que a expressão *gêneros do discurso*, cunhada pelo filósofo russo, vem sendo usada de forma indiscriminada e cristalizada, quando na verdade há profundas significações implícitas nela.

Compreendendo essas significações, começemos da mesma forma como fez o linguista, pela origem semântica do termo “gênero”. *Gênero* vem de *gen*, que significa “gerar”, da base indoeuropéia, e relaciona-se com o substantivo *genus*, em latim, que tem por significado “raça”, “nação” e também com o verbo *gignere*, denotando “criação”, “produção”, “geração” (FARACO, 2009, p. 122-123). A assimilação de determinadas características que identificassem tipos diferentes de discursos sociais veio inicialmente com Platão e, a seguir, com Aristóteles. Os dois gregos postularam a divisão dos gêneros literários, Platão com a primeira nomeação: o épico, o lírico e o dramático; e Aristóteles, posteriormente, com a extensão das categorias, dentro da *Arte retórica* e da *Arte poética*. Mais do que verificar uma diferença existente entre determinados usos correntes na sociedade a que pertenciam, os filósofos puderam colaborar com a descrição dos mesmos (FARACO, 2009). São esses usos correntes que hoje chamamos, pelo viés bakhtiniano, de discursos, ou ainda mais propriamente, *gêneros do discurso*.

O que Bakhtin (1997) vai fazer é tratar a língua como fato sociointeracional. Não haverá *sentido* sem *o outro*. O sentido do que é dito é construído na relação entre os falantes. Um simples recado por parte do locutor 1, por exemplo, pode ter um significado para o interlocutor 2, e outro significado, completamente distinto, para o interlocutor 3, que são os chamados “parceiros da comunicação”.

Num processo dinâmico entre seus usuários, a língua é heterogênea e muda a todo instante, ao longo do tempo e conforme as modificações do todo social e cultural. Por isso, para Bakhtin, a linguagem humana é ideológica; e o discurso é ideológico, pois reproduz os padrões e pensamentos do meio em que é partilhada.

Um aspecto muito importante dos estudos bakhtinianos, para total compreensão de seus postulados acerca da língua como processo interacional, é a diferenciação entre *sentença* e *enunciado*. Esse último é considerado como unidade

base da comunicação verbal de que vai se valer Bakhtin, para sustentar sua teoria dialógica.

Para Bakhtin, o valor que assume o enunciado sobre a sentença e as palavras, como aceitos pela linguística até então, é decisivo. É pelo enunciado que se apresenta o individual, o próprio; ele diz: “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala” (BAKHTIN, 1997, p. 294). Afora isso, sentenças e palavras pertencem ao geral, como ele vai explicar: “Comparadas com as fronteiras do enunciado, todas as outras fronteiras (as que delimitam as orações, as combinações de palavras) são apenas relativas e convencionais” (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Passemos, então, a alguns detalhamentos dos estudos bakhtinianos, a fim de melhor compreender os aspectos que foram estudados na presente pesquisa de gêneros, que tem por objetivo principal caracterizar o gênero profecia bíblica, passando para isso aos seus pormenores.

Bakhtin (1997) explica que os enunciados formam os discursos, que são construídos na base social e acabam por prevalecer em tipos relativamente estáveis na sociedade. Esses enunciados têm um conteúdo temático, um estilo e, principalmente, segundo o filósofo russo, uma estrutura composicional, que irão compor os *gêneros do discurso*. São esses aspectos que marcam um discurso conferindo-lhes características preliminares que o determinam como pertencente a um gênero ou outro, e é por meio deles que podemos identificar as condições e intencionalidade da esfera social da qual se originou. Os enunciados são escritos ou orais e se diversificam tanto quanto são variáveis as instâncias das atividades humanas. Ele pontua que esses enunciados são categorizados em primários ou secundários, e que podem mover-se de uns para os outros. Como é o caso do diálogo cotidiano, o qual ele identifica como pertencente ao gênero primário. Tal gênero pode, contudo, estar inserido num romance o qual, por sua vez, está dentro do grupo dos secundários.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros primários são aqueles de estrutura mais simples e mais passíveis de variação, enquanto os secundários são mais complexos e menos variáveis, mantendo características que lhes são peculiares. Bakhtin coloca dentro dos primários aqueles gêneros que saem direto de um contexto verbo-comunicacional, como o diálogo e a carta; são os gêneros que fazem

parte da nossa vida cotidiana. Já os secundários, em sua maioria gêneros escritos, de *comunicação cultural*, são os artísticos, científicos e políticos, como o romance e a própria legislação. Em seus estudos acerca da língua, Bakhtin deu importância para esse nivelamento entre os gêneros primários e secundários.

A próxima consideração do estudioso da linguagem é com relação ao *estilo*, outra parte constituinte do gênero; de acordo com Bakhtin, quando há estilo, há gênero (BAKHTIN, 1997). Com essa afirmação, ele dá continuidade à sua explanação acerca do conceito de estilo, deixando claro como ele está diretamente relacionado com a composição dos gêneros. Bakhtin fala que num estudo estilístico mais voltado ao individual estão os gêneros literários; e que, quando estudamos os estilos da língua, consideramos mais o social.

Mais uma questão levantada por Bakhtin, trazida à luz em sua teoria, e bastante importante para verificação dos elementos que serão estudados neste trabalho, é a unidade básica da comunicação verbal, o enunciado.

Como já dito, o enunciado, diferentemente das palavras e das orações, que se constituem como unidades da língua, é a unidade base da comunicação. Para Bakhtin (1997), apenas o enunciado tem valor concreto de fala do indivíduo. Por mais que outras teorias dividam o enunciado em unidades menores, segundo o filósofo russo, um enunciado pode ocorrer sem a possibilidade de ser diluído em formas menores, é o caso da expressão “Ah!”, como réplica numa conversação, que é indivisível. Ainda assim, ela tem o valor de enunciado, mas não necessariamente se constitui um discurso.

Isso contribui com uma de suas teses, de que ambos os locutores, no processo de comunicação, são sujeitos ativos e, portanto, *parceiros da comunicação*, como define o teórico. Torna-se incoerente a ideia de locutor e receptor (o ouvinte), pois ele não apenas recebe; no momento em que ele é ouvinte já é um sujeito ativo, pois sua resposta é responsiva, implicará na ação de fala do outro. Assim, é nessa alternância dos locutores que ocorre a comunicação.

Nota-se que, para Bakhtin, não há uma única responsabilidade, mas no discurso existem ambas, mesmo o ouvinte é um “falante” para ele, no sentido de valor de ação.

O estilo, uma das partes constituintes do gênero, é também individual, mas melhor visto dessa forma no caso dos gêneros literários. Quando se trata dos

gêneros do discurso, eles acarretam a visão já globalizada das características desses gêneros. A ementa que será lida num plenário, as regras que introduzem um debate oral, a mensagem passada do púlpito pelo pastor, serão todos discursos que seguem uma forma, estilo e composição próprios. Não somente esses, mas os gêneros primários, aqueles pertencentes ao dia a dia, também são usados seguindo características já assimiladas pelos falantes; a carta, o pagamento na feira, uma conversa habitual, etc.

Bakhtin (1997) lembra que nenhum discurso é desprovido da fala do outro, do discurso alheio. Todos serão acompanhados do cognoscível e do emblemático da sociedade. Ele faz referência a Adão, explicando que a língua, quando em uso, não pode ser referida a objetos virgens, nunca dantes conhecidos. Ela está sendo partilhada deliberadamente e seus interlocutores fazem parte desse sistema. Afirma Bakhtin: “O locutor não é um Adão, e por isso o objeto do seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 319).

O estilo tem a ver com a escolha lexical e com os recursos linguísticos selecionados pelo locutor, seja do texto oral ou escrito. E o que mais importa, quando se trata do estilo, é o interlocutor, ou interlocutores, ao qual o discurso proferido se destina, em uma ou mais possibilidades de execução. Aí, levam-se em conta os níveis abarcados nessa produção, o grau de afinidade com o interlocutor, a situação, a seriedade; aspectos como esses são relevados na comunicação dialógica (BAKHTIN, 1997).

Por todas essas questões, vemos quão importante é para Bakhtin a interação no discurso. Os gêneros do discurso serão estudados segundo sua relação com o meio. Em realidade, eles apenas existem em conformidade com esse contexto social e seus indivíduos. Suas características refletirão essa relação, e todos os aspectos levantados por Bakhtin (1997), para o estudo de um gênero, serão norteadores para o estudo realizado e apresentado neste trabalho.

## 1.2.2 TIPOS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são formados a partir de tipos textuais, categorias de textos que diferem entre si por seus diferentes objetivos e construção textual. Neste trabalho eles merecem especial atenção, pois, por meio de um deles em específico é que se pôde observar as características do gênero textual *profecia bíblica*.

A partir dos anos 80, passou-se à formulação de tipologias do texto, com Isenberg (1987), Heinemann e Vieweger (1991), Adamzik (1995) e Kron (2002), citados em Sousa (2012). Essas tipologias foram formas, sistemas de categorização dos textos referentes à sua estruturação, função social e marcas linguísticas basicamente (SOUSA, 2012). A cada linguista aprovou uma maneira própria de “identificar” os textos em “tipos” de textos. Esses tipos de texto, diferentemente dos gêneros, formaram-se, seguem uma estabilidade reconhecível pelos usuários da língua e foram convencionados. Os gêneros podem sofrer mudança e até desaparecimento, assim como podem surgir a todo instante, tendo em vista a variedade de atividades humanas; mas os tipos textuais são inequivocamente elementares e não mudam dessa forma.

Marcuschi (2008) explica como o tipo de texto integra o gênero, realizando, assim, a diferenciação, mas não contraposição entre os dois, o tipo como parte constituinte do gênero.

Com a contribuição teórica de Van Dijk (*apud* Koch e Fávero, 1987) sobre superestrutura, infraestrutura e o macro-ato de fala, pôde-se chegar mais perto da compreensão dos tipos textuais. Foi sob a influência dele que Koch e Fávero criaram sua tipologia textual, na qual primordialmente se baseou esta análise.

Quando falamos de tipo textual referimo-nos, portanto, a uma estrutura mais estável que compõe os gêneros. Eles são mais de um, porém em quantidade bem reduzida em relação aos gêneros do discurso.

Para Wachovicz, o conceito de “tipo textual” muda um pouco para o de “sequência textual”, empregado por Adam (2001). É o que ela explica no capítulo 3, de *Análise linguística nos gêneros textuais* (2010). No segundo caso, as perspectivas vão além das cognitivas, são também circunstanciais, aliadas mais crucialmente aos objetivos dos falantes, em relação ao social. No caso de “tipo”, de acordo com ela, fia-se mais nas propriedades linguísticas, são essencialmente

estruturais, estruturas conclusivas e fechadas. As sequências textuais, ao contrário, são definidas cognitivamente e culturalmente ao mesmo tempo. Ao passo que se formam em nossa mente, são também formados socialmente.

Enquanto os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279), as sequências são “segmentos relativamente fixos que compõem os diferentes e vulneráveis gêneros da nossa sociedade” (WACHOVICZ, 2010, p. 52). Segundo ela, as sequências textuais são formadas por macroposições, que são partes estruturantes de texto, e essas, por proposições, ou sentenças.

Marcuschi (2008) afirma que tipo é uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). “[...] Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.” (MARCUSCHI, 2008, p. 158-159).

De acordo com o linguista, a diferença entre tipo e gênero está nas propriedades de um e outro, que são linguísticas para os tipos, e sócio-comunicativas para os gêneros.

Para este trabalho adotou-se a definição cunhada por Marcuschi, de tipo textual, uma forma para ele intermediária, que considera a cristalização histórica, sem negar a possibilidade de variação.

Considerando essas explicações, conta-se também aqui com a especificação da forma, da qual a estrutura composicional de Bakhtin é constituinte, que para o gênero aqui analisado é o tipo preditivo, que será tematizado na próxima seção.

### 1.2.3 TIPO PREDITIVO

O tipo preditivo é unicamente identificado por Koch e Fávero (1987). De acordo com as linguistas, esse é o sexto na sequência de seis tipos textuais distintos: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, injuntivo (ou diretivo) e preditivo.

As autoras propõem três dimensões como critérios básicos para a formulação razoável de uma tipologia de textos, são elas: dimensão pragmática, dimensão esquemática global e dimensão linguística de superfície.

Na dimensão pragmática, olham-se os *macroatos de fala* - conceito herdado de Van Dijk – que quer dizer a sequência de microatos de fala, gerando um texto completo, e as formas como esses textos aparecem na sociedade. Conforme esclarece Silva (2008), essa dimensão diz respeito ao objetivo principal do texto; também à atitude comunicativa, e em que gêneros o tipo referente aparecerá, são as “atualizações em situação comunicativa”. Na dimensão esquemática-global, consideram-se os modelos, formais e cognitivos; é o “esqueleto do texto” nas palavras de Silva (2008). Na dimensão linguística de superfície, detectamos as marcas sintáticas e semânticas que dão hipóteses ao alocutário sobre o tipo de texto que está lendo.

Analisando sob esses aspectos o gênero profecia e, mais especificamente, tendo em vista o tipo que o circunscreve, observa-se que o objetivo principal do tipo é “predizer”, dar informações acerca do futuro, levando seu público à crença do que se diz. As atualizações nas diferentes situações de comunicação, ou seja, os diversos gêneros em que o tipo textual preditivo podem aparecer são: as profecias, os boletins meteorológicos, os horóscopos e aqueles gêneros que em geral dão previsões concernentes ao futuro (KOCH E FÁVERO, 1987, p. 8).

No segundo plano, o esquemático global, a superestrutura está ligada a prenúncios de eventos, situações e comportamentos para os quais as pessoas esperam uma causa, deduções lógicas que as explicam ou ainda uma casualidade indefinida.

Na dimensão linguística de superfície, passa-se a analisar marcas linguísticas que se localizam na superfície do texto e podem ser observadas: são os tempos verbais, por exemplo, com uma perspectiva prospectiva: “deve apostar, será, fará, conspirará” (SILVA, 2008, p. 150).

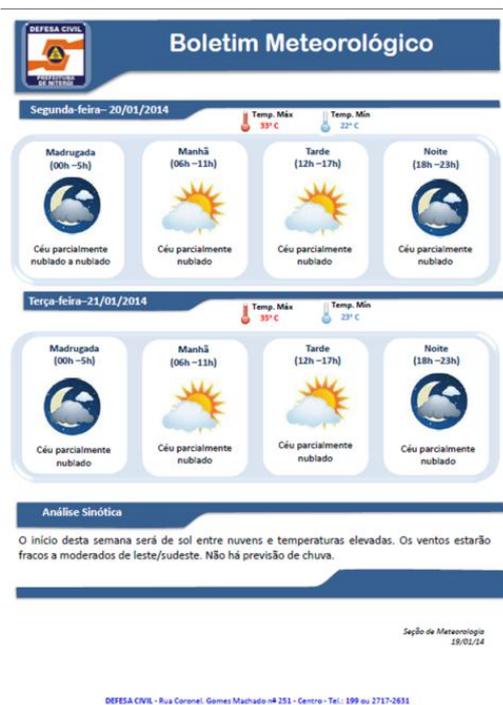
De acordo com Koch e Fávero, os textos construídos com base preditiva têm abundância de adjetivação, conectores não aparecem, estão presentes a parataxe e estruturas nominalizadas. A parataxe é uma justaposição das frases dentro do período, em que não há conectores, mantendo o sentido mesmo assim, como no exemplo: “Ela levantou, comeu, arrumou a casa, saiu.” Já as estruturas nominalizadas se formam quando de um processo gramatical, transformando (por maneiras diferentes) um verbo num substantivo.

Compreendemos que o tipo preditivo é o mais predominante nos gêneros proféticos, inclusive o levantado aqui, *profecia bíblica*. Nele aparecem também outros que ajudam a compor o gênero: a narração, a descrição e a injunção, diversificações de tipo, contudo, que não foram levadas em conta para este trabalho.

#### 1.2.3.1 Gêneros de base preditiva

Os gêneros de base preditiva englobam, segundo Koch e Fávero (1987): os boletins meteorológicos, os horóscopos, as profecias e aqueles gêneros que em geral apresentam previsões concernentes ao futuro.

Os boletins meteorológicos realizam previsões diárias divulgadas pelos jornais televisivos, por exemplo, buscando passar as informações que se referem ao clima/tempo, de forma mais próxima possível do real, do que está por vir.



**Figura 1 – Boletim Meteorológico**  
Fonte: Defesa Civil (2014)<sup>6</sup>

Os horóscopos, que buscam prever as características singulares das pessoas, tendo em vista seu dia de nascimento, são estudos astrológicos baseados na posição dos astros para a realização das previsões, embora às vezes sejam também previsões produzidas pelos próprios jornalistas.

6

[https://www.google.com.br/search?q=exemplo+de+boletim+meteorol%C3%B3gico&espv=2&biw=1024&bih=499&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=-e2\\_VMTzDlabgwSB44OoAw&ved=0CCQQsAQ#imgdii=&imgrc=Rwgd7AztjDLbOM%253A%3BPnyC0tX6Gt1yiM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-FIxOAYVxtGU%252FUt6AJJv76JI%252FAAAAAAAMZM%252FUMUd1J8E2uY%252Fs1600%252FBoletim%252BMeteorol%2525C3%2525B3gico.png%3Bhttp%253A%252F%252Faxelgrael.blogspot.com%252F2014%252F01%252Fdefesa-civil-prefeitura-define.html%3B847%3B900](https://www.google.com.br/search?q=exemplo+de+boletim+meteorol%C3%B3gico&espv=2&biw=1024&bih=499&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=-e2_VMTzDlabgwSB44OoAw&ved=0CCQQsAQ#imgdii=&imgrc=Rwgd7AztjDLbOM%253A%3BPnyC0tX6Gt1yiM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-FIxOAYVxtGU%252FUt6AJJv76JI%252FAAAAAAAMZM%252FUMUd1J8E2uY%252Fs1600%252FBoletim%252BMeteorol%2525C3%2525B3gico.png%3Bhttp%253A%252F%252Faxelgrael.blogspot.com%252F2014%252F01%252Fdefesa-civil-prefeitura-define.html%3B847%3B900)

Página inicial » Horóscopos » Amanha » Leão



## Leão: horóscopo para 22 Janeiro 2015

Esrito por Isabelle Fortes

### Seu clima astral

Hoje o dia vai ser calmo, apesar de seus medos. Você foi cuidar de si mesmo e nada vai estragar isso. Relaxe sua mente, será a melhor maneira de recarregar. Perca-se na arte!

### Estrelas do dia

Humor	★★★★★	Amor	★★★★☆
Dinheiro	★★★☆☆	Trabalho	★★★★★

**Figura 2 – Horóscopo**  
**Fonte: meu horóscopo do dia (2015)<sup>7</sup>**

As profecias, do original hebraico, uma “antevisão”, e de acordo com os dicionários também chamada de “presságios”, são bem comuns no contexto religioso; podem ser alegóricas, quando seu conteúdo se apresenta em formato representativo; ou literais, comportando o sentido real. Dadas por um ser superior, sobrenatural normalmente, elas objetivam relatar predições acerca do futuro.

<sup>7</sup> <http://www.meu-horoscopo-do-dia.com/horoscopos/amanha/leao.html>

Na capela de São Nicolas, na cidade de Popovka, perto de Taganrog e do mar de Azov, existia uma profecia de um monge chamado Pouskof, datando do século XV.

*"No final do século XX, a Rússia verá grandes desordens. As casas, os povos, as terras serão transformados por muito sangue. Nós assistiremos a coisas terríveis através de quadros (TV). O que está no alto descerá. (possível conversão). Aquilo que está embaixo voltará ao alto."*

Profecia russa da capela de São Nicolas (século XV)

**Figura 3 – Profecia**  
**Fonte: Almanaque on-line de Profecias (2014)<sup>8</sup>**

Outros que estão presentes nesse grupo são os *almanaques* e os *ensaios científicos*. De acordo com o dicionário online de Português (<http://www.dicio.com.br/almanaque/>) um almanaque funciona como um calendário que reserva indicações de ordem meteorológica e astronômica; também os *ensaios científicos*, muitos deles são escritos exatamente com o fim de alertar a respeito de acontecimentos previstos para o meio natural em um período de tempo, por isso também podem se enquadrar nesse gênero.

#### 1.2.3.1.1 Gênero profecia bíblica

De acordo com a divisão bíblica, sancionada pela igreja e aceita pela comunidade cristã, os livros proféticos compõem os *Profetas*, ao lado da *Lei*, *Poesia* (também chamados livros *Sapienciais*, de sabedoria) e *História*, no Antigo Testamento; e os *Evangelhos*, *História*, *Epístolas (cartas)* e *Profecia*, no Novo Testamento (GEISLER; NIX, 1974). No Antigo Testamento, os *Profetas* ainda se subdividem em *Profetas Maiores* e *Profetas Menores*, classificados assim pela extensão dos seus livros. Essa divisão segue a tradução grega. A divisão hebraica limita-se a três partes, circunscritas aos livros da *Lei*, *Profetas* e *Escritos* (GEISLER; NIX, 1974).

Os Profetas Maiores abarcam os livros de Isaías, Jeremias (que escreveu *Jeremias* e *Lamentações*), Ezequiel e Daniel. Esses autores escreveram mais, seus

<sup>8</sup> <http://fabio001.tripod.com/Profindex.html>

livros são de *maior extensão*, portanto, *Profetas Maiores*. Os *Profetas Menores*, com uma *extensão menor* de seus escritos, contudo em maior quantidade, estão compostos dos seguintes livros: *Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*; todos eles, Maiores e Menores, pertencem ao *Antigo Testamento*. E o *Apocalipse*, como único livro de profecia do *Novo Testamento*.

Apesar da predefinição dos gêneros, como aparecem acima, existem textos proféticos espalhados por toda a Sagrada Escritura, são profecias relatadas, intertextuais, e do próprio contexto de fala do autor; é o caso de um texto do livro de *Mateus*, capítulo 24, quando Jesus diz aos discípulos os acontecimentos que viriam sobre Jerusalém e, em paralelo, sobre o fim do mundo (Mt 24: 1-31), como pode se depreender do próprio contexto.

No *Antigo Testamento* e no *Novo Testamento*, as palavras que traduzem o atual vocábulo *profeta* são *nabi* e *profetes*, no hebraico e no grego, respectivamente. Esses originais remetem àqueles que serviram como *porta-vozes de Deus*, alguém escolhido para mediar entre Deus e os indivíduos, com mensagens específicas, sendo elas remotas ou futuras, ou seja, para o próprio tempo do profeta ou para tempos futuros. Segundo o texto bíblico, diz-se acerca dos profetas: “Suscitar-lhe-eis um *profeta* do meio de seus irmãos, [...] em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Deuteronômio, cap.18, versículo 18); antes da sua morte, falou Davi, um dos reis do antigo Israel, segundo a Bíblia: “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (II livro de Samuel, capítulo 23, versículo 2). As profecias, que eram as mensagens desses profetas, da parte de Deus, como crido, tinham o objetivo de alertar, avisar, abençoar, admoestar; elas foram enviadas, no Novo Testamento, também para “prestar assistência na fundação da igreja, iniciar a extensão missionária da igreja, edificá-la, unir e protegê-la, advertir quanto a dificuldades futuras e confirmar a fé dos seguidores em tempos de controvérsia.” (Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, p. 278-279). Diz Pedro, apóstolo de Jesus, no Novo Testamento: “[...] homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.” (II epístola de Pedro, capítulo 1, versículo 21).

As profecias bíblicas diferem quanto ao conteúdo e suas funções de acordo com o tempo em que foram proferidas, considerando a realidade presente da época,

mas também o tempo porvir. As profecias mais conhecidas socialmente são aquelas referentes ao fim do mundo, relatadas principalmente no livro *Apocalipse*, em associação com o livro de *Daniel*, tendo menções similares em outros livros proféticos do *Antigo Testamento*<sup>9</sup>. Determinadas interpretações de profecias sugerem que seu teor ultrapassa os tempos de produção dessas profecias, servindo para o contexto imediato, mas com aplicação também futura, no *Novo Testamento* e para o tempo atual. Por gerarem grande perplexidade é que acabam por se difundir também no meio não-religioso. Filmes atuais como *Independence Day* (1996), *Armageddon* (1998), *O Dia depois de Amanhã* (2004) e *2012* (2009) ilustram essa difusão.

Um trabalho relevante para o estudo de profecia bíblica pode ser considerado em Formicki (2012). Por suas explanações do original grego o texto de Apocalipse se torna mais completo em suas significações. Além das fontes bibliográficas oferecidas pelo autor para aprofundamento teórico.

O que mais importa para este trabalho é compreender quais características tornam esses textos *profecias*, considerando o sentido que lhe atribui o tempo dos indivíduos que as receberam, segundo a visão bíblica, mas primordialmente para nós hoje, ao considerarmos suas peculiaridades textuais.

---

<sup>9</sup> A intertextualidade das profecias, no Antigo e Novo Testamentos: *Ezequiel* (capítulo 10) em associação com *Daniel* (capítulo 7) e *Apocalipse* (capítulos 12 e 13); *Joel* (capítulo 2), conversando com *Mateus* (capítulo 24).

## 2 ANÁLISE DE UM TEXTO DO GÊNERO PROFECIA BÍBLICA

Para fins de esclarecimento, a versão bíblica utilizada neste trabalho é a Revista e Atualizada, 2ª edição, traduzida por João Ferreira de Almeida. A análise do capítulo 22 de *Apocalipse* foi desenvolvida em três partes, relativas às três dimensões indicadas por Koch e Fávero (1987): *Pragmática, Esquemática global e Linguística de superfície*; segue o capítulo analisado:

1 Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.

2 No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.

3 Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão,

4 contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele.

5 Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

6 Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.

7 Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

8 Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo.

9 Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

10 Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.

11 Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.

12 E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.

13 Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.

14 Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas.

15 Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os ídólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.

16 Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã.

17 O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

18 Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro;

19 e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro.

20 Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!

21 A graça do Senhor Jesus seja com todos. (BÍBLIA, 1993, p. 213)

## 2.1 DIMENSÃO PRAGMÁTICA

A dimensão *pragmática*, primeira aqui analisada, é aquela que atenta para o objetivo do texto, ou seja, a sua intenção comunicativa; além disso, torna preciso em quais atualizações de situações comunicativas, que são os gêneros, tal texto aparecerá.

O *Apocalipse*, do original grego, *apokálypsis*, quer dizer “ação de descobrir”<sup>10</sup> foi escrito entre o ano de 95 e 96 d.C, conforme “o apoio da maioria dos pais da igreja primitiva, Vitorino, Eusébio, Clemente de Alexandria, Orígenes e Ireneu, que estava em condições de ter informações diretas sobre o assunto.” (FORMICKI, 2012, p. 10).

Naquela época governava o imperador de Roma Domiciano, quem exilou o apóstolo João para a Ilha de Patmos (Ap 1:9)<sup>11</sup>. Com poucos anos de surgimento, após a morte de Jesus Cristo, em 31 d.C, o Cristianismo estava se alastrando, contando com a pregação e dissipação do evangelho pelos apóstolos e os vários seguidores, chamados discípulos, que foram se multiplicando com o passar dos anos. Entre eles Paulo, considerado maior evangelista de todos os tempos, tendo convertido milhares de sua época ao Cristianismo.

Para a ilha de Patmos, pertencente à Grécia, no mar Egeu, iam os criminosos, julgados e condenados para ali viverem, em vários casos, até a morte. Com o decreto do senado, que expurgou os atos considerados por demais vis do

<sup>10</sup> Link: <http://www.significados.com.br/apocalipse/>

<sup>11</sup> Essa e todas as outras referências bíblicas entre parênteses no corpo do texto podem ser encontradas na *Bíblia*, Revista e Atualizada, traduzida por João Ferreira de Almeida, de 1993.

imperador, João pôde voltar à sua antiga residência, em Éfeso, vindo a morrer só anos mais tarde.

Éfeso é umas das sete *igrejas* da Ásia para as quais João diz escrever o Apocalipse (Ap 1:4). Aqui há uma clara correlação entre cidade e igreja. Na verdade, cada uma das sete cidades do mundo grego daquela época, *Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia*, constituía um espaço onde ficavam localizados os cristãos, formando assim a Igreja, em vários locais do Império Romano. Cada uma tem seu próprio contexto social e econômico, e parte dessas características são relatadas nas subdivisões dedicadas a cada Igreja em particular.

A todas elas é dirigida uma advertência e a todas, exceto pela última, Laodicéia, um elogio. Esse conteúdo tem a ver com a fidelidade aos mandamentos de Deus e a perseverança na fé; que, ao observar pelas palavras do autor, ao longo do tempo foi se dissolvendo ou se tornando mais fraca desde a formação inicial da primeira igreja, com os discípulos: “Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportastes provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.” (Ap 2:2-4).

No verso 11, da subdivisão do capítulo 1, intitulada “A visão de Jesus glorificado”, diz-se: “O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas...” (Ap 1;11). Pode-se inferir que as sete igrejas são parte de um todo, mensagem a elas é uma ação direta do autor *Apocalipse*, que ele deve cumprir; mas também uma representação, pois, além de ser um livro cheio de simbolismos, temos reveladas em suas linhas fatos que parecem ultrapassar o povo das igrejas mencionadas. Um desses fatos se encontra logo no início do Livro *Apocalipse*, por exemplo, sua intenção, o objetivo pelo qual escreve: “Revelação de Jesus Cristo, **que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer** e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João,” (Ap 1:1); unindo esse à mensagem final do Livro, lá no capítulo 22, o qual se analisou, o autor conclui: “Eu, **a todo aquele que ouve** as palavras da profecia deste livro, testifico...” (Ap 22:18).

Com essa observação, faz-se uma ligação entre o início do livro e o seu final (foco da pesquisa realizada neste trabalho), certificando-nos do objetivo principal do autor, o seu estreito compromisso de **avisar os acontecimentos previstos**.

A atualização comunicativa nesse caso é o gênero *profecia bíblica*, é uma *profecia*, mas, além disso, *bíblica*, não podendo ser generalizado, uma vez que é um texto contido na Bíblia, e justamente o gênero que foi investigado para este trabalho.

## 2.2 DIMENSÃO ESQUEMÁTICA GLOBAL

Na dimensão *esquemática global*, pela qual se analisa a estrutura do texto, investigamos seus componentes estruturais, tanto referentes às partes do texto como ao seu conteúdo, comprovando, assim, que modelo se forma de um gênero bíblico profético.

Lendo os capítulos precedentes, vê-se que o capítulo 22 é a continuação da descrição iniciada no capítulo 21, do *Novo Céu* e da *Nova Terra*. A introdução propriamente dita, com identificação geral de título, autor, assunto do livro e mais a dedicatória, é feita no início do livro *Apocalipse*, no primeiro capítulo (Ap 1:1-8).

Na *Nova Terra* o autor, João, diz ver a *cidade santa*, chamada *Nova Jerusalém* (Ap 21:1-2), prometida a todos aqueles que “lavaram suas vestiduras [no sangue do Cordeiro]” (v.14). Importante constatar a origem desse nome para se compreender sua relação com a profecia apocalíptica.

A original Jerusalém, do Antigo Testamento, foi a capital do reino de Judá, sede dos seus reis, até uns 600 anos a.C (II Rs 24 e 25). Depois de uma divisão do reino de Israel, em reino do Sul (Judá) e reino do Norte (Israel), Judá firma-se como o reino mais fiel, consagrado, e de onde procederia o Messias esperado (Mt 2:6, Ap 5:5). Também era em Jerusalém que ficava o templo, o grande templo construído por Salomão, filho de Davi - o rei bíblico mais famoso, tendo reinado por 40 anos sobre Israel, tempo em que o reino estava unificado – (I Rs 2:11). O templo dos judeus era símbolo de sua fé num Deus único, era também um motivo de glória do seu povo, tão ricamente construído (I Rs 5:13-18); Jerusalém é aclamada nos salmos de Davi, cantada pelos profetas e também exaltada pelo próprio Deus (Sl 122; Is 60, 62 e 66; II Cr 6:6).

Assim, torna-se mais clara a apropriação de “Jerusalém” para dar nome ao paraíso refeito, uma vez que a segunda é a pátria recriada com esplendor e glória, mas agora sem possibilidade de ser derrubada, destruída ou de chegar ao seu fim; ao contrário disso, feita eterna àqueles que merecerão todas as coisas (Ap 21:1-8).

Ao longo dessa descrição, aparecem as características físico-geográficas da *Nova Terra*, fala-se, por exemplo, do “trono de Deus e do Cordeiro”, que “habitará com eles” (Ap 21:3), bem como da “árvore da vida” que fica “no meio da praça”, para “cura dos povos”; conta da inexistência dos períodos que atualmente dividem nosso dia, “já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles”. Essas características também são referentes à organização hierárquica, pois se diz que os cidadãos da *Nova Terra* “o [a Deus] servirão”, e também “reinarão pelos séculos dos séculos”.

A continuação do capítulo, com um subtítulo que o inicia “As admoestações e as promessas finais”, é a identificação, por parte do autor, das pessoas, humana (no caso dele) e sobrenaturais, Deus e o anjo, envolvidas no processo de relato da mensagem enviada. Nessa segunda parte, há a invocação e adoração de João ao anjo que lhe apareceu e sua consequente reprovação por parte do mesmo, pelo ato; em seguida há a orientação à guarda das palavras do Livro e para que o mesmo não fosse selado “porque o tempo está próximo” (Ap 22:10). Uma nova voz é inserida no texto (v.12) quando se lê: “E eis que venho sem demora...”, quatro versos mais tarde descobrimos que ali é o próprio Jesus falando, “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas” (v.16). Nessa parte, há também promessas aos guardadores da profecia, e admoestações àqueles que se negaram ao seu cumprimento.

A terceira parte, subintitulada “A conclusão do livro” (v.18-20), e “A benção” (v.21), contêm avisos de proibição da alteração da profecia com promessas, há a asserção da volta de Cristo à Terra e, na sequência, a benção final.

O capítulo 22 é escrito de forma linear, ou seja, não há rupturas na sequência dos fatos. O autor parte do capítulo anterior para terminar a descrição do lugar, com poucas palavras, e prosseguir então com as admoestações e promessas finais. Os tempos se misturam, pois há o tempo de fala do autor, que é no passado, contando as visões recebidas, “então, me mostrou o rio da água da vida” (v.1), “Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas.” (v.8); e o tempo futuro, usado na afirmação dos

acontecimentos vistos para o tempo que está por vir, “Nunca mais haverá qualquer maldição.” (v.3), “contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele.” (v.4).

### 2.3 DIMENSÃO LINGUÍSTICA DE SUPERFÍCIE

A terceira dimensão, *linguística de superfície*, requer uma análise sobre as marcas linguístico-textuais inseridas no texto, referentes à sintaxe e à semântica (léxico, construção sintática, tempo verbal, presença abundante de adjetivos). É o que se passa a reconstituir nesta parte final.

Além da questão do tempo, observam-se também todas as outras marcas, no nível sintático e semântico, são as classes de palavras, a construção textual, a ligação entre as sentenças e a escolha do léxico.

O texto reúne muitos adjetivos, com larga recuperação do belo, do que é claro, límpido, carregando a conotação da pureza e perfeição. Já nos primeiros versos encontram-se esses adjetivos: “Então, encontrou o rio da água **da vida, brilhante** como cristal”, o rio não é um simples rio de águas, é identificado como o rio da *água da vida*, ele tem essa qualidade, de ser fonte de uma água diferenciada, *da vida*. Logo depois outro qualificador é mencionado, *brilhante*, não somente isso, mas o autor faz uma comparação, *como cristal*. Todos esses usos transmitem em alto grau a ideia do que é puro, límpido e desejável; e pode-se mesmo pensar no imortal, visto que a ideia de espírito está muitas vezes ligada ao que não morre - e a própria Bíblia sustenta essa concepção (Ec 12:7) - em oposição à carne, o espírito é o que não se vê, sem cor, transparente, ou seja eterno, evidenciando a ideia de vida eterna sustentada pelo autor (Ap 21:3, 22:5).

Em apenas um verso, cinco palavras carregam qualidades similares e podem aparecer como adjetivos: *rio, água, vida, brilhante e cristal*. Todas essas ocorrências apontam para uma riqueza natural, altamente valorizada, que possivelmente era mais escassa no tempo em que João escrevia. Ele mesmo vivia numa ilha e todos os recursos para sobrevivência eram de difícil acesso. João fala, portanto, de um lugar comum aos seus destinatários. Esse recurso linguístico pode estar sendo usado como uma voz insistente, convincente.

Além disso, há menções de água na Bíblia que podem estar se referindo ao próprio Cristo; como num acontecimento, relatado no *Evangelho de João*, capítulo 4,

em que Jesus se aproxima a uma mulher samaritana pedindo-lhe água: “Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. [...] Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana [...]? Respondeu-lhe Jesus: Se conheceras o **dom de Deus** e quem é o que te pede... tu lhe pedirias, e ele te daria **água viva**”, e dos versos 13 ao 14: “Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água (do poço, água natural) tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der será nele uma fonte para jorrar para a vida eterna.” (Jo 4: 7-10; 13-14).

Uma vez que a Bíblia apresenta Jesus como a vida eterna: “[...] **Eu sou** o caminho, a verdade, e **a vida**” (Jo 14:6), “**E a vida eterna é esta**; que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a **Jesus Cristo**” (Jo 17:3), “[...] o **dom gratuito de Deus** é a **vida eterna**, em **Cristo Jesus**” (Rm 6:23), ou seja, como o detentor dessa vida, e todo aquele que estiver nele terá essa vida, ideia também sinalizada pela aparição da palavra *dom* nos textos de *João 4* e de *Romanos 6*, grifadas acima, parece haver uma analogia entre Jesus e a água nos versos de *João 4*, que pode ser transferida para o verso 17 de *Apocalipse*.

A árvore também é destacada como árvore **da vida**, no verso seguinte. Diz-se acerca dos seus frutos e sua função. Dá-se bastante ênfase à *luz*, que passa a ser parte essencial da Nova Terra descrita, só que de maneira diferenciada, ela em si, com o valor que depreendemos hoje, já não mais será necessária, pois “o *Senhor Deus* *brilhará sobre eles*” (v.5). Interessante notar o excesso de sinônimos congregados pelo autor para um mesmo sintagma; no verso 5, por exemplo, ele se refere a Deus como o *Senhor Deus*, fazendo uma adjetivação excessiva, transformando meros substantivos em substantivos sempre adjetivados, como se *Deus* estivesse sendo adjetivado por *Senhor*. E no verso 6, Deus é identificado como “o Deus **dos espíritos dos profetas**”, algo bastante toante para o conteúdo do texto lido, uma vez que se trata de uma *profecia*, e de acordo com o profeta é o próprio Deus o autor da mesma (Ap 1:1-2).

Mais tarde revelam-se mais adjetivos, de forma agora mais pontual no restante do texto: “**fiéis e verdadeiras**”, para as palavras enviadas do anjo, no verso 6; “**brilhante Estrela da Manhã**”, três adjetivos em um, agora caracterizando Jesus Cristo, no verso 16; “**água da vida**”, sendo repetida no verso 17; “**árvore da vida**”, sendo repetida no verso 19; e “**cidade santa**”, como muitas vezes é chamada, no

verso 19. Outros substantivos aparecem com o valor de adjetivos, nos versos 11, 13 e 15: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.” (v.11); “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.” (v.13); “Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.” (v.15).

A esse verso se assemelham as palavras do apóstolo Paulo, em sua segunda carta a Timóteo, também discípulo de Jesus e companheiro de evangelização, e aos filipenses, os já novos cristãos. Por esses versos ele atenta seus leitores para a cautela contra os “cães”, diz o apóstolo: “Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão! (Fp 3:2); nas palavras a Timóteo, ele os alerta contra os difamadores da Palavra de Deus, e todos aqueles que de alguma forma praticam a maldade: “Sabe, porém, isto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.” (II Tm 3:1-5).

No primeiro verso, de acordo com o contexto, os cães são os falsos ensinadores da Palavra de Deus, que fogem do seu cumprimento, deixando de segui-lo e assim desviam outros dos ensinamentos, de acordo com Paulo em seus escritos, verdadeiros e benéficos. Já em Timóteo ele dá nome a todos os tipos de pessoas dos “últimos dias” (v.1) que, por suas características, tendem a perder o céu, como vemos em *Apocalipse*.

Dentre aquelas mencionadas em *Apocalipse* vimos os “cães”, “os feiticeiros”, “os impuros”, “os assassinos”, “os idólatras” e “todo aquele que ama e pratica a mentira.” (v.15). Todos os outros, que não os “cães”, como mereceu explicação mais acurada, podem se enquadrar no verso de Timóteo, pessoas que existiam no tempo de João, afeiçoadas a práticas do mal e que não poderiam fazer parte de um lugar perfeito, por sua própria índole estariam excluídos de uma atmosfera benevolente. Talvez João, lá em *Apocalipse*, estivesse querendo mostrar vividamente o que as pessoas, seus leitores, não poderiam aceitar para suas vidas caso fossem candidatos àquela nova terra almejada. Até mesmo avisando, de forma indireta, do

que elas rapidamente deveriam se abster para garantirem o lugar do qual ele falava, caso estivessem entre um daqueles mencionados, considerando sua possível ignorância, mas sinceridade e desejo.

A perspectiva é predominantemente prospectiva: “Nunca mais haverá...”, “estará o trono”, “contemplarão sua face”, “já não haverá”, “as coisas que em breve devem acontecer”, “o tempo está próximo”, “eis que venho”, “Deus lhe acrescentará”, e outros. Ao longo da leitura do capítulo há de se deparar com essas marcas prospectivas. Por breves momentos, no entanto, o autor se coloca como receptor de uma visão relatando o que lhe foi mostrado, aparecendo aí o pretérito: “Então me mostrou...”, “Disse-me ainda...”; e por alguns instantes também o presente: “No meio de sua praça [...] está a árvore da vida”, “Eu [...] testifico”. Ainda assim tudo o que ele diz tem valor de futuro.

De acordo com Koch e Fávero (1987), como vimos, quando um texto é do tipo preditivo há a tendência da construção sintática por meio de parataxes e estruturas nominalizadas. Não há muitos excertos criados com a parataxe, que é uma sequência de frases justapostas, sem o uso de conectores, pois essas ocorrem dentro do período e não *entre* eles; mas há uma construção sintática em que as orações são ligadas por subordinação, porém sem o uso de conectores, o que se assemelha à parataxe, contudo num nível maior do texto. É o que ocorre nos versos 3, 7 e 9: “Nunca mais haverá qualquer maldição. **Nela**, estará o trono de Deus e do Cordeiro. **Os** seus servos o servirão...”; “Eis que venho sem demora. **Bem-aventurado** aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.”; “Vê, não faças isso; **eu** sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. **Adora** a Deus.”, os negritos marcam o início dos períodos, que no caso poderiam ser unidos aos outros por conectores, mas foram separados pelo autor por “pontos finais”. Note-se que há pelo menos uma dessas dentro de cada um dos versos apresentados. O que se percebe é que de um verso para outro ocorre um “desdobramento” do conteúdo, cada um é como se indicasse o início de um novo texto, tão revelador quanto seu precedente. O que também ocorre é que eles não estão, em sua grande maioria, ligados uns aos outros por conectores. Os únicos versos que começam com conectores são os versos 1, 5, 9 e 12, “**Então**, ele me disse” (v.9), “**E** eis que venho sem demora...” (v.12); entre 21 versos no total.

Considerando que cada verso é o início de um novo tópico dentro do texto, traz-se um conjunto de sentenças bem destacadas dentro do todo, e talvez essa seja a razão da construção sintática escolhida, o destaque do conteúdo.

A ocorrência de estruturas nominalizadas também não é frequente, com um exemplar no verso 2: “dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para cura dos povos.” (ao invés de “para **curar**, são **para cura**).

O léxico deixa claro o teor do texto, bastante detalhado e característico de uma linguagem tipicamente profética; palavras que compõem esse léxico, que permeiam todo o livro *Apocalipse* e se mostram em grande quantidade nesse capítulo são: *crystal, cura, maldição, trono, nome, noite, luz, candeia, sol, reinar, espírito, palavras, profecia, prostrar-se, adorar, selar, livro, santo, imundo, galardão, obras, idólatra, graça, ouvir, testificar e testemunho*; além daquelas essencialmente cristãs: *Deus, anjo e Jesus* (v.1, v.6 e v.16). Ocorre aqui o fenômeno linguístico da coesão por associação semântica.

## 2.4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Diante das características levantadas, de acordo com o plano de análise de Koch e Fávero (1987), testifica-se em *Apocalipse* um texto do tipo preditivo - com descrição e narração fazendo parte da sequência tipológica - e com marcas de estrutura claramente inseridas no gênero *profecia*, como se presumiu. Um texto para largas discussões, tendo em vista principalmente o conteúdo bíblico precedente, com alto valor intertextual, mas comportando inicialmente o proposto neste trabalho: a análise prevista de um texto pertencente ao gênero textual *profecia bíblica*. Um texto a princípio religioso, que mantém os fatos linguísticos e extratextuais propostos pelas linguistas, Koch e Fávero (1987), para se caracterizar um tipo de texto, conveniente aos estudos linguístico-textuais.

De acordo com o que vimos em Bakhtin (1997), nenhuma comunicação se realiza sem o parceiro de comunicação, a língua é social, compartilhada, e só pode ser, pois é também ideológica. Um discurso se faz por associação com o meio, um falante pronuncia aquilo que vive em sociedade, de acordo com suas crenças, sua ideologia. Bakhtin afirma a origem dos gêneros, que são produtos sociais, conforme

nascem novos meios, novos “produtores”, que são as esferas sociais, surgem também os gêneros que os condizem.

Assim, nada em João, no seu discurso em *Apocalipse*, é dito sem essa influência. Ele faz usos de conceitos que os escritores bíblicos em geral reconhecem já desde o Antigo Testamento, como “feiticeiros”, que para o nosso tempo não é comum, e para eles era bastante; e “noiva”, que não é a noiva como conhecemos, prometida a seu cônjuge, mas a própria igreja, “mulher” de Cristo, como demonstra a profecia em associação com as epístolas e livros do Antigo Testamento (Gn 3:15, Ef 5:23, Ap 12:1-6, 13-17, Ap 19:7, Ap 21:2).

Acima desses usos sobressalentes está o fato do gênero textual propriamente dito, analisado aqui como *profecia bíblica*; o profeta comunica um gênero de texto que marcou uma necessidade da sociedade cristã daquele tempo, ele surgiu do seu meio sócio-histórico. Nos versos de 1 a 3, do *Evangelho de João*, vemos uma das promessas que Jesus fez aos seus discípulos: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.”, aí Jesus fala de uma segunda vinda, *voltarei* (v.3), pela qual levaria os discípulos a um novo *lugar* (v.3), na *casa de seu Pai* (v.2); mais tarde, Pedro, outro dos apóstolos, parece lembrar a promessa em sua epístola: “Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos *novos céu e nova terra*, nos quais habita justiça.” (II Pe 3;13). Apesar de não inédito, pois, como vimos anteriormente nas definições, vários livros do antigo Testamento já eram de profecias, mas o texto mais atual, de *Apocalipse*, foi produzido com um conteúdo também novo, que foi escrito por formação de um novo grupo que se aglomerou e passou a crescer por causa de sua fé naquele que creram e que retornaria para fundar *Nova Terra*.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, entre outros, pretendeu complementar o estudo de *profecias* como um gênero textual bem definido, baseado na teoria de Bakhtin (1997) e de Koch e Fávero (1987). Além de complementar, vem contribuir com novos estudos linguísticos lançando luz sobre o texto bíblico, que não é comumente usado como fonte científica para esses estudos. Com um objetivo, estrutura e marcas linguísticas específicas desse gênero, o gênero *profecia*, analisado neste trabalho, aparece constituído pelo tipo textual preditivo que, atualmente, também não dispõe de tantas pesquisas às quais se relaciona.

Pela análise, realizou-se o levantamento das características propostas por Koch e Fávero (1987), e assim confirmaram-se as expectativas relacionadas ao gênero *profecia*, no que diz respeito aos três níveis de análise: pragmático, esquemático-global e linguístico de superfície.

O gênero *profecia* deve ir mais além e querer dizer com algo mais, neste caso, é a *profecia bíblica*. O intuito foi observar suas características, que a tornam mais um gênero textual e, assim, parte do meio social e conduto para novas análises linguístico-textuais.

## REFERÊNCIAS

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, Associação Ministerial da Associação Geral dos (organização). *Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes, ed. 1. 1997 (1952/1953).

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo. *A Intertextualidade no Texto Bíblico*. Coleção Mestrado em Linguística. *Biblioteca EntreLivros Santa Filosofia*, n. 7, ed. Especial, jul. 2007. P. 30-33. Disponível em: <file:///C:/Users/Virginia/Downloads/399-1162-1-PB%20(2).pdf> Acesso em: 08 jul. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. *Conversas com Linguistas: Virtudes e Controvérsias da Linguística*. XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). São Paulo, Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIQUEIREDO, Maria Flávia; CLARO, Alessandra C.; MORAIS, Deise Nancy de.; DOS SANTOS FILHO, João Diogo Urias. *Pregação Religiosa: uma caracterização à Luz da Teoria dos gêneros*. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*. Franca (SP), v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/114>> Acesso em: 08 jul. 2014.

FORMICKI, Leandro. Êxtase Visionário em Apocalipse. *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas:

8ª Edição, V.7 – Nº 01 – Julho de 2012. Disponível em:  
<[http://www.revistatheos.com.br/Artigos/E\\_xtase%20visiona\\_rio\\_Leandro.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/E_xtase%20visiona_rio_Leandro.pdf) >  
Acesso em: 25 jan. 2015.

GEISLER, Norman L.; NIX, William E. *From God to us: how we got our Bible*. The Moody Bible Institute of Chicago. 1974.

\_\_\_\_\_. *A General Introduction to the Bible*. Moody Press, Chicago. 2d ed., rev. and enl. 1986.

GEISLER, Norman L.; *Encyclopedia of Christian Apologetics*. Baker Books, Grand Rapids, Michigan, 1998.

GOLÇALVEZ, João Batista Costa. A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem. *Veredas On Line*– Análise do Discurso – 2/2010, p.157-166 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora. 17 Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-12.pdf> >  
Acesso em: 08 jul. 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça. FÁVERO, Leonor Lopes. Contribuição a uma Tipologia Textual. *Letras e Letras*, v.3 N.1 – 1987 – Uberlândia, Departamento de Letras.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros Textuais: definição e textualidade. In.: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. Parábola Editorial. São Paulo, 2008.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. Editora Vida Nova. São Paulo, 1999.

SILVA, Luciana Pereira da. *Prática Textual em Língua Portuguesa*. Curitiba, IESDE Brasil S.A., 2008.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. As abordagens tipológicas dos textos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 347-364, jan./abr. 2012.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise Linguística nos gêneros textuais*. Ibpe, Curitiba. 2010.